

ARTIGOS

<https://doi.org/10.1590/1980531411647>

Efeitos do produtivismo acadêmico: Mapeamento e ampliações teóricas sobre o tema

 Gustavo Candido da Silva^I

 Moises Romanini^{II}

^I Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre (RS), Brasil; gustavocandido1994@gmail.com

^{II} Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre (RS), Brasil; mromanini@gmail.com

Como citar este artigo

Silva, G. C. da, & Romanini, M. (2026). Efeitos do produtivismo acadêmico: Mapeamento e ampliações teóricas sobre o tema. *Cadernos de Pesquisa*, 56, Artigo e11647.
<https://doi.org/10.1590/1980531411647>

Efeitos do produtivismo acadêmico: Mapeamento e ampliações teóricas sobre o tema

Resumo

Este artigo tem como objetivo mapear e aprofundar a compreensão do produtivismo acadêmico, sintetizando seus principais efeitos e debates. Trata-se de um ensaio teórico-crítico, apoiado em revisão narrativa da literatura, fundamentado em artigos científicos, obras de referência e textos complementares. Os resultados evidenciam que o produtivismo acadêmico se articula a políticas neoliberais e aos dispositivos de gestão e avaliação acadêmica, produzindo efeitos na formação discente, na prática docente, na produção e publicação científica, na ética em pesquisa e na saúde mental. Conclui-se que o produtivismo constitui uma lógica na cultura universitária que intensifica a competição e precariza o trabalho acadêmico. O enfrentamento de tal cultura ainda é pouco explorado.

UNIVERSIDADE • EDUCAÇÃO SUPERIOR • AVALIAÇÃO DA PÓS-GRADUAÇÃO •
PRODUTIVIDADE CIENTÍFICA

Academic productivism and its effects: A mapping and theoretical expansion of the phenomenon

Abstract

This article aims to map and deepen the understanding of academic productivism by synthesizing its main effects and the debates surrounding the phenomenon. It is a theoretical-critical essay based on a narrative literature review drawing on scholarly articles, seminal works, and complementary sources. The findings indicate that academic productivism is closely intertwined with neoliberal policies and with academic governance and evaluation systems, generating far-reaching effects on students' education, teaching practices, scientific production and publication, research ethics, and mental health. The study concludes that academic productivism has become an organizing logic within university culture, intensifying competition and eroding academic working conditions. However, strategies for confronting this culture remain underexplored.

UNIVERSITY • HIGHER EDUCATION • GRADUATE EDUCATION ASSESSMENT •
SCIENTIFIC PRODUCTIVITY

Efectos del productivismo académico: Mapeo y ampliaciones teóricas sobre el tema

Resumen

Este artículo tiene como objetivo mapear y profundizar la comprensión del productivismo académico, sintetizando sus principales efectos y debates. Se trata de un ensayo teórico-crítico, sustentado en una revisión narrativa de la literatura y fundamentado en artículos científicos, obras de referencia y textos complementarios. Los resultados evidencian que el productivismo académico se articula con las políticas neoliberales y los dispositivos de gestión y evaluación académica, produciendo efectos en la formación estudiantil, en la práctica docente, en la producción y publicación científica, en la ética en la investigación y en la salud mental. Se concluye que el productivismo constituye una lógica en la cultura universitaria que intensifica la competencia y precariza el trabajo académico. El enfrentamiento de dicha cultura aún está poco explorado.

UNIVERSIDAD • EDUCACIÓN SUPERIOR • EVALUACIÓN DE LOS ESTUDIOS DE POSGRADO •
PRODUCTIVIDAD CIENTÍFICA

Les effets du productivisme académique : Cartographie et approfondissements théoriques du phénomène

Résumé

Cet article vise à cartographier et à approfondir la compréhension du productivisme académique en synthétisant ses principaux effets ainsi que les débats qu'il suscite. Il s'agit d'un essai théorique et critique fondé sur une revue narrative de la littérature, appuyée sur des articles scientifiques, des ouvrages de référence et des textes complémentaires. Les résultats montrent que le productivisme académique est étroitement lié aux politiques néolibérales ainsi qu'aux dispositifs de gestion et d'évaluation de l'enseignement supérieur, entraînant des répercussions sur la formation des étudiants, les pratiques enseignantes, la production et la publication scientifiques, l'éthique de la recherche ainsi que la santé mentale. L'étude conclut que le productivisme constitue une logique structurante de la culture universitaire, qui intensifie la concurrence et contribue à la précarisation du travail académique. Les stratégies visant à contrer cette culture demeurent toutefois encore peu explorées.

UNIVERSITÉ • ENSEIGNEMENT SUPÉRIEUR • ÉVALUATION DES FORMATIONS DE DEUXIÈME ET
TROISIÈME CYCLES • PRODUCTIVITÉ SCIENTIFIQUE

Recebido em: 22 DEZEMBRO 2024 | Aprovado para publicação em: 8 JULHO 2026



Este é um artigo de acesso aberto distribuído nos termos da licença Creative Commons do tipo BY.

Introdução

No Brasil, em meio a diversas mudanças políticas ao longo do século XX, modelos de gestão e avaliação na educação foram alterando as vidas de docentes, discentes, trabalhadores e demais pessoas acerca da universidade e da produção e publicação do conhecimento científico. Embora a universidade tenha um importante papel social para a construção de cidadania, existem inúmeros efeitos do neoliberalismo em seu cotidiano, produzindo, também, fatores de adoecimento coletivo. Logo, essa “entrada da lógica produtivista no ensino superior é apenas mais uma expressão da ubiquidade do modelo neoliberal, engendrando modos de subjetivação e capturas em espaços que deveriam resguardar suas possibilidades de resistência” (Maurente, 2019, p. 2). O produtivismo acadêmico serve de ferramenta para implementar uma lógica concorrencial e individualista na universidade, algo que reflete em grandes aumentos de sofrimento psíquico. Diversos estudos vêm evidenciando essa dimensão do produtivismo, como o da clássica obra de Sguissardi e Silva (2009), chamada *Trabalho intensificado nas federais: Pós-graduação e produtivismo acadêmico*, bem como discussões mais recentes, como a de Maia (2022), que utiliza o relatório da Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior (Andifes) de 2019 para analisar os aumentos de sintomas depressivos por discentes ao longo dos anos. Por meio desse relatório, conseguimos perceber os reflexos do *ethos* de desempenho na universidade, que pode ter como efeitos o aumento de ansiedade e até mesmo pensamentos suicidas.

Embora o termo produtivismo acadêmico seja relativamente recente, ele discute com alertas já mais antigos, como o de Marilena Chauí (2001), ao nos trazer a importância democrática da universidade diante dos avanços neoliberais e o interesse de formação nesse sentido, para que a instituição não seja apenas uma formadora de mão de obra em função do capital. Afinal, o produtivismo acadêmico também afeta a formação e a valorização de epistemes (Conceição et al., 2020), deixando de reconhecer outras funções na docência e pesquisa que não sejam publicação de artigos ou outras habilidades (Vieira et al., 2020), impactando na prática a função da pós-graduação (Bianchetti & Valle, 2014).

A criação da pós-graduação tem papel importante nessa busca pelo aumento de produção de conhecimento como um movimento estatal. A Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) foi criada em 1951, com o intuito de renovar e reconstruir a universidade no Brasil. E, com o Parecer n. 977, de 1965 (Parecer Sucupira, fazendo referência ao professor Newton Sucupira), a pós-graduação passou a ter maiores mudanças. Entretanto esse movimento, somado às mudanças de avaliação da Capes no biênio 1996-1997, modificou o intuito da pós-graduação, priorizando a produção de conhecimento em detrimento da formação docente, embora não tenha sido esse um de seus intuitos (Bianchetti & Sguissardi, 2017). Desde então, coordenadores de pós-graduação enfrentam a pressão por metas quantitativas de publicação e o desafio de conciliar múltiplas funções gerenciais com suas convicções intelectuais (Bianchetti & Sguissardi, 2009).

É evidente a importância da avaliação, para regular a qualidade e evitar a mercantilização, exemplificada pela falta de controle no *lato sensu* (Bianchetti & Sguissardi, 2017). Além disso, o modelo atual permitiu pesquisas sobre temas da realidade brasileira antes marginalizados (Kuenzer & Moraes, 2009), mantendo a relevância da Capes desde que preservado seu caráter educativo. Contudo a gestão mercadológica da educação sustenta-se no “mito do mérito”, que mascara desigualdades sob a falsa premissa de oportunidades iguais (Mendes, 2018). Essa regulação, impulsionada por agências como o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), fomenta a corrida pelo Currículo Lattes e a competição por bolsas (Sguissardi & Silva, 2009). Tal

modelo econométrico e demasiadamente quantitativo gera um surto produtivista (Kuenzer & Moraes, 2009) que, apesar de utilizar critérios racionais, resulta em uma contradição meritocrática ao discriminar pesquisadores (Souza, 2019). Nesse sentido, a crítica não se assenta contra a existência da avaliação, mas contra a hegemonia de métricas estreitas, a conversão da avaliação em competição institucional, o hiperfoco na publicação como unidade de valor e a baixa consideração de dimensões formativas, pedagógicas, colaborativas e socialmente referenciadas do processo de avaliação.

Diante desse cenário da cultura universitária brasileira mencionado, percebe-se que, na literatura, o conceito de produtivismo acadêmico aparece com diferentes focos de análise, presente em uma vasta quantidade de discussões de forma direta ou indireta, mas com interesses específicos (como em discussões políticas, sobre saúde mental discente, docente, publicações, mas com pouca sistematização de um cenário amplo), algo que dificulta mapear a amplitude dos efeitos do produtivismo na universidade.

Portanto este estudo busca fazer um mapeamento das principais ideias e resultados de pesquisas acadêmicas sobre o produtivismo acadêmico, procurando aprofundar o debate, sintetizar seus efeitos e produzir um panorama mais abrangente do conceito. Espera-se, assim, contribuir para o avanço de propostas de resistências que sejam diversas da normalização do sofrimento, tão presente no cotidiano acadêmico.

Como estratégia metodológica, foi realizado um ensaio teórico-crítico, apoiado em revisão narrativa da literatura. Para apresentação dos resultados, dividimos a fundamentação em quatro níveis. No primeiro nível, a racionalidade neoliberal e a mercantilização da universidade. Já no segundo nível, os dispositivos institucionais de avaliação, regulação e performatividade da universidade. Em terceiro, apresentamos os efeitos subjetivos, pedagógicos, éticos e epistêmicos do produtivismo, incluindo sofrimento psíquico, formação discente, prática docente, processo editorial, integridade científica e desigualdades. Por último, uma análise da agenda de pesquisas acerca do produtivismo acadêmico nos últimos anos e uma análise de sua conceituação.

Metodologia

Inicialmente, este trabalho tinha o intuito de ser realizado como uma revisão sistemática ou integrativa da literatura dos artigos dispostos em determinada base indexadora de revistas científicas. Contudo, com o aprofundamento do estudo, notou-se que certos métodos desconsiderariam livros e periódicos que não estivessem nas bases indexadas, algo incompatível com a problematização de diversos aspectos que o próprio conceito de produtivismo acadêmico aborda. Esta pesquisa, então, se caracterizou como um ensaio teórico-crítico, apoiado em revisão narrativa, que tem por objetivo sintetizar e apresentar um quadro mais completo dos conceitos e discussões acerca do tema. Assim, buscamos fazer um mapeamento das principais ideias que abordam o conceito produtivismo acadêmico, para elucidar a interpretação conceitual acerca do tema. Para isso, este estudo buscou responder à seguinte pergunta: Como o produtivismo acadêmico tem sido investigado na produção científica e quais sentidos, efeitos e finalidades têm sido apresentados nesses estudos?

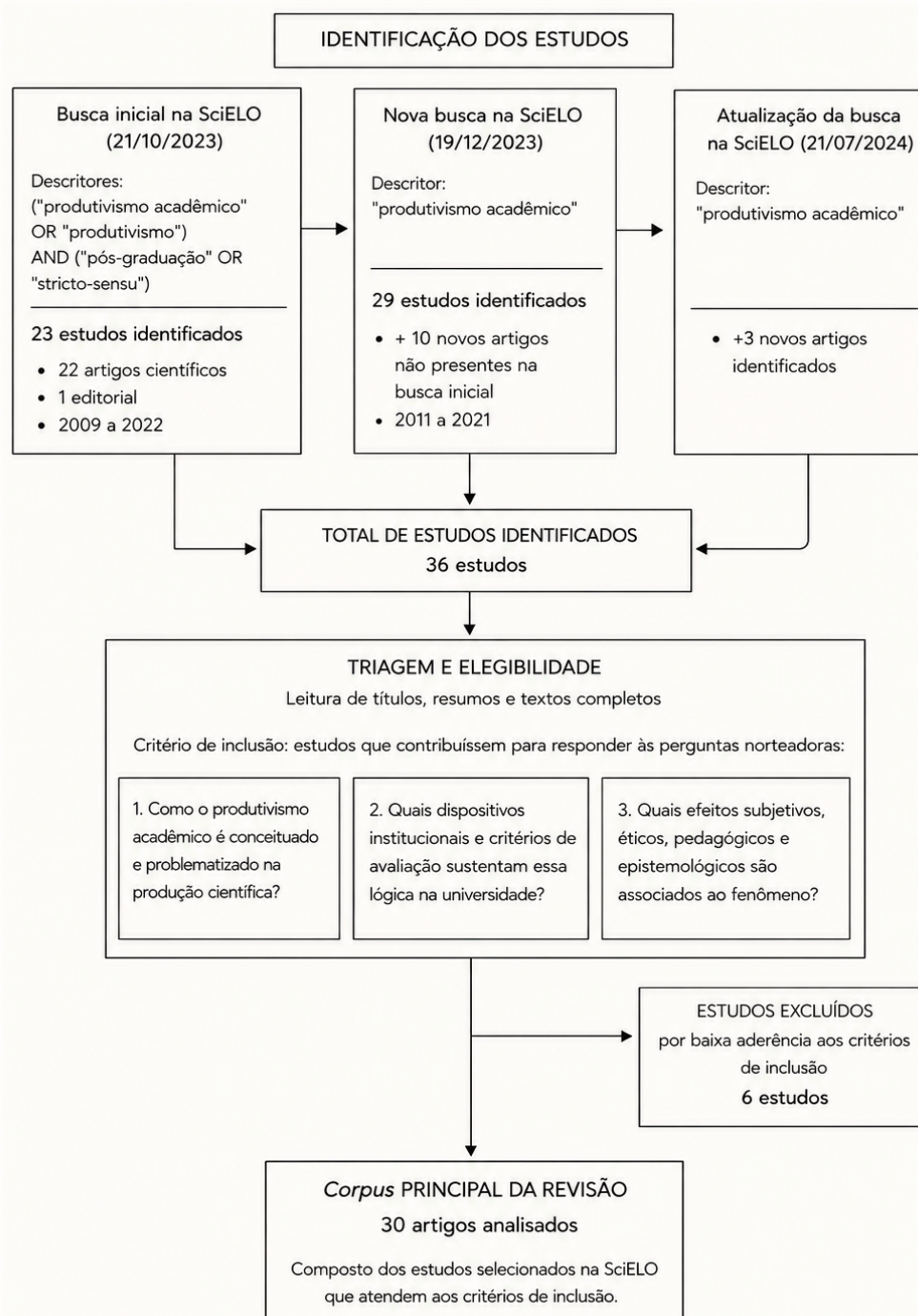
O processo de construção do material analisado foi organizado em três dimensões: 1) *corpus* principal da revisão, composto dos artigos científicos disponíveis em português localizados na base Scientific Electronic Library Online (SciELO), a partir dos descritores definidos e selecionados conforme sua contribuição para responder às perguntas norteadoras do estudo; 2) referências teóricas de apoio, constituídas por autores e obras clássicas recorrentes nas referências do *corpus* de revisão, que discutem universidade, neoliberalismo, avaliação e trabalho acadêmico (sejam artigos ou

capítulos); e 3) textos complementares encontrados em buscas no Portal de Periódicos da Capes (desde que revisado por pares), com o objetivo de localizar textos considerados relevantes para contextualizar e ampliar a compreensão do produtivismo acadêmico. Assim, os artigos selecionados constituíram o *corpus* analítico de revisão, enquanto os demais materiais foram utilizados como suporte interpretativo para compreender as dimensões históricas, institucionais e subjetivas relacionadas ao produtivismo acadêmico.

O processo de busca, seleção e composição do *corpus* analítico está apresentado na Figura 1, elaborada a partir das etapas de identificação, triagem, elegibilidade e inclusão dos estudos.

Figura 1

Fluxograma da coleta e seleção dos estudos



Fonte: Elaboração dos autores com apoio da ferramenta de inteligência artificial (ChatGPT, versão 5.6 Luna) para otimização da imagem.

Já o processo de análise e seleção de referências teóricas e complementares tem amparo em redes de estudos críticos sobre universidade, no campo da psicologia escolar e influência no Programa de Extensão Movimento Educação e Saúde Mental (Medusa), da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), já que esta pesquisa faz parte de uma dissertação de mestrado em psicologia social e institucional.

Com isso, buscamos dar ênfase em como o produtivismo acadêmico opera para que se compreendam sua amplitude, causas e efeitos. Para isso, apresentamos e discutimos os resultados em quatro eixos: 1) a racionalidade neoliberal e a mercantilização da universidade; 2) os dispositivos institucionais de avaliação, regulação e performatividade acadêmica; 3) os efeitos subjetivos, éticos, pedagógicos e epistemológicos associados ao produtivismo acadêmico; e 4) conceituação e agenda de pesquisas sobre produtivismo acadêmico.

A lógica produtivista neoliberal e os efeitos na cultura e prática acadêmica

Muitos estudos encontrados nesta revisão apontam que, direta ou indiretamente, há uma normalização da dinâmica produtivista presente nas atividades acadêmicas, mesmo que os atores que vivenciam a universidade tenham ciência do fenômeno (Bianchetti & Valle, 2014; Hoffmann et al., 2018; Leite, 2017; Magnin et al., 2020; Maurente, 2019; Santos & Sampaio, 2017; Souza, 2019; Teixeira et al., 2020; Vizeu et al., 2016; Vosgerau et al., 2017). Essa “adequação” às regras, por mais que percebida pelos atores universitários, pouco é debatida no dia a dia da universidade, causando uma normalização do sofrimento por sua circunstância. Logo, percebe-se que essa posição passiva favorece a manutenção da produtividade, colaborando para que a universidade seja tomada pelo viés neoliberal presente em sua cultura (Vieira et al., 2021). Isso contribui para uma flexibilização dos próprios atores ao modelo de produção em massa para alcance das metas e aumento do Currículo Lattes (Bernardo, 2014).

Para esse fenômeno, Souza (2019, p. 452) define a normose acadêmica, como um

... adoecimento do sistema de produção de conhecimento e formação acadêmica, produzido pelos dispositivos avaliativos usados pelos organismos de regulação e financiamento do ensino e da pesquisa no Brasil e no mundo e sob os quais se organizam as carreiras acadêmicas, que em função da excessiva conformidade às normas avaliativas que impõem aos indivíduos e programas de pós-graduação, conduz à burocratização da produção de conhecimentos e inibe a atividade intelectual criativa, levando a uma artificial e improdutiva normalização da produção científica.

Com uma abordagem foucaultiana, Souza (2019) investiga como esses dispositivos de avaliação são obstáculos a um pensamento inovador, devido aos mecanismos instrumentais/formais/burocratas que, de alguma maneira, podem conformar as decisões individuais. Em consonância, Leite (2017, p. 214) articula que, “enquanto o docente continuar reconhecendo seus sintomas, mas tratando-os como algo natural ou inevitável, pouco poderá ser feito. Isso é o resultado de uma equação simples: o individualismo e a competição adquirem proeminência e tendem a ser naturalizados”.

Vilaça e Palma (2015) consideram que esse problema complexo da produtividade não é um evento provocado por uma competição natural ou um fenômeno causado pelos avaliados que multiplica as produções desonestamente em busca de financiamentos e recursos. Kuhlmann (2015), mes-

mo criticando o sistema de avaliação, expõe a visão de que o problema seria a publicização e condu- ta desses avaliados, em que o neoliberalismo não tem papel central ou causador do produtivismo, e consequentemente, do adoecimento na universidade, ainda que reconheça os interesses privados nas universidades públicas e suas dificuldades cotidianas.

Nesse sentido, esse cenário faz parte de um mecanismo neoliberal de individualização da culpa, conforme mencionam Vilaça e Palma (2015), visto que o sistema também tem uma hierarqui- zação de poder. Ou seja, é evidente que há más condutas por parte de coordenações de programas de pós-graduação (PPG), orientadores ou pesquisadores/professores mais antigos, como nos casos de violências relatados por Maurente et al. (2020), que apresentam estratégias tomadas por discentes para suportar esse momento árduo que é a pós-graduação. Situação que se agrava quando precisam enfrentar violências de gênero, raça ou classe na própria equipe de pesquisa para competir por bol- sas de produtividades, bem como lidar com desafios da licença a maternidade sem o devido acolhi- mento/humanização (Maurente et al., 2020).

Assim, individualizar a culpa apenas contribui para a manutenção do *status quo* desse siste- ma, já que traz em seu cerne uma moral produtivista, assujeitando uma autocobrança por desempe- nho, para conseguir seguir ou entrar na carreira acadêmica (Maurente, 2019). Sistema que, por sua lógica de pontos, normaliza uma pressão institucional (Rosa, 2008); e, consequentemente, essa natu- ralização do sofrimento é um dos efeitos da culpabilização individual sobre a relação com o fracasso na universidade (Romanini, 2021).

Por isso, Sguissardi e Silva (2009, p. 41) afirmam que

... o adoecer torna-se, para muitos professores, a única forma de resistência às suas novas funções na universidade. Seu individualismo o impede de ter um sentimento de pertença ao coletivo institucional, sua competitividade o impede de espelhar-se no âmbito da alteridade.

Ou seja, uma resposta micropolítica que abafa as singularidades e que assim inibe processos de mudanças do *status quo* (Guattari & Rolnik, 1996). Maia (2022), dialogando também com Dardot e Laval (2016), reforça que esse sofrimento na universidade é político, causado e potencializado por uma gestão neoliberal, ao transferir a responsabilidade de desempenho para os indivíduos, já que a depressão é o outro lado do desempenho. Portanto é possível perceber a normalização e a aceitação dos moldes do modelo de avaliação em diversas pesquisas que relatam comentários no ambien- te acadêmico sobre produtivismo (Bernardo, 2014; Bianchetti & Valle, 2014; Hoffmann et al., 2018; Magnin et al., 2020; Maurente, 2019; Vieira et al., 2020).

A intensificação de trabalho, que aparenta fazer parte do jogo, como mencionou um dos en- trevistados de Magnin et al. (2020), age como uma precariedade subjetiva ao condicionar os próprios pesquisadores por sua capacidade de publicações, sendo estes comparados a vendedores que preci- sam atingir metas, como um trabalho operacional (Magnin et al., 2020). Nesse sentido, ocorre que al- gumas resistências atuam apenas para estabelecer uma vida minimamente saudável e “sobreviver” na instituição, como os relatos de discentes que buscam “morrer somente o necessário” para seguir em frente (Maurente, 2019).

Logo, essa lógica produtivista ignora complexidades da vida fora da academia, como contex- tos das condições de pesquisa e/ou da comunidade pesquisadora envolvida, como aponta o estudo das autoras Wottrich e Oliveira-Cruz (2024). Também, atividades-meio, como aquelas de cooperação para a própria ciência (participação em bancas, editoriais, colegiados, entre outras atividades solidá- rias), não são contabilizadas justamente (Patrus et al., 2015).

De acordo com os relatos de cinco experientes bolsistas pesquisadoras de alta produtividade na Capes (PQ1), não há a devida identificação, no meio acadêmico, de comportamentos de arrogância e exigência por seus pares. Visto que são mulheres em espaços onde homens ainda assumem majoritariamente os cargos de liderança, há estratégias de imposição e julgamentos distintos, mesmo que as colaborações de mulheres sejam maiores que as de homens em certas atividades. Portanto as exigências da carreira acadêmica impactam diferentemente homens e mulheres, vistas as estatísticas (como aborda o referencial do estudo), as renúncias que fazem da vida pessoal (de inclusive não ter filhos, para dar conta da produtividade e reconhecimento científico), consolidando desvantagens que o sistema meritocrata atual desconsidera (Wottrich & Oliveira-Cruz, 2024).

Em termos quantitativos, há estudos que apresentam dados alarmantes quanto ao estado de saúde dos pós-graduandos. Fernandes et al. (2021) identificaram uma alta taxa de evasão de discentes na pós-graduação no Brasil, sendo ela de 30% em 2015-2016. Em uma universidade federal do Centro-Oeste do país, foi constatado que, de 565 estudantes, com idade média de 30 anos, 40,18% apresentavam prevalência do risco de suicídio atual; “54,34% apresentaram sintomas de ansiedade, 52,04% de depressão, 50,27% de estresse e 35,58% relataram utilizar psicofármacos durante a pós-graduação com ou sem prescrição médica” (Abreu et al., 2021, p. 3). Isso chama a atenção para a necessidade de estabelecer políticas de acolhimento e programas de saúde mental, além de maiores investigações para mitigar os fatores psicossociais de risco.

Em função do caráter avaliativo de publicações, há diversos docentes e discentes que se sentem frustrados devido a essas injustas avaliações, que não reconhecem outras atividades que também têm propósito na universidade (Maurente, 2019; Vieira et al., 2020). E, nesse sentido, já houve diversos debates para a mudança de políticas de avaliação da Capes; contudo, como afirmam Carvalho e Real (2021), ainda há resistência à alteração de mecanismos de quantificação e avaliação, como o sistema Qualis, que recentemente deixou de existir para melhorar a função de impacto da ciência brasileira.

Quando se pergunta quem é a Capes, Bianchetti (2009) elucida que ela também é mantida pela contribuição dos pesquisadores, ao passo que estes são igualmente regulamentados, credenciados, financiados e controlados. Uma instituição que, mesmo com as críticas, demora/demorou para colocar em jogo a própria legitimação devido uma política de Estado.

A reforma gerencialista do Estado, implementada no contexto da universidade brasileira desde o século passado, tem produzido transformações significativas na organização e nos valores que orientam a vida acadêmica, configurando-se como uma ameaça à dimensão cultural e formativa da universidade (Rego, 2014; Mancebo, 2013). Nesse processo, observa-se a consolidação do gerencialismo como racionalidade legitimadora de mecanismos de controle, regulação e monitoramento das práticas universitárias (Magnin et al., 2020; Vieira et al., 2020; Maurente, 2019; Hoffmann et al., 2018), articulada a um movimento mais amplo de mundialização capitalista que atravessa as instituições de ensino superior (Sguissardi & Silva, 2009). Conforme evidenciado nesta pesquisa, essa lógica contribui para a aproximação da universidade a modelos de gestão empresarial, nos quais princípios como produtividade, desempenho e eficiência passam a ocupar posição central. Tal movimento dialoga com a análise de Bianchetti e Valle (2014), ao apontarem a crescente presença dos *managers* e das práticas gerenciais na condução da universidade, modificando suas formas tradicionais de organização e produção do conhecimento.

Os efeitos éticos, pedagógicos e epistemológicos associados ao produtivismo acadêmico

Diante desse fenômeno, a ética e a integridade nas pesquisas acadêmicas tornaram-se um dilema, visto o conflito de interesse institucional na cultura organizacional da academia (Stigger et al., 2022). A necessidade quantitativa de publicações sobressai ao rigor qualitativo dos estudos, gerando dúvida em relação à qualidade das pesquisas publicadas, por uma falta de aprofundamento nos temas ou até mesmo no tipo de material a ser produzido e onde ser publicado, devido ao ranqueamento das publicações (Deslandes & Maksud, 2022).

Todo esse sistema de pressão por produção gera efeitos na própria conduta acadêmica que certos pesquisadores adotam para conseguir produzir, como autoplágio, falsificações de resultados e dados, etc. (Vilaça & Palma, 2013) ou até mesmo fragmentação de pesquisas maiores para gerar mais artigos publicáveis de um mesmo estudo, como uma espécie de multiplicação de pães, como diz Ponczek (2013) ao discutir as manhas, artimanhas e imposturas acadêmicas. Dessa forma, é desnivelado uma publicação de livro ter menos pontos que uma publicação de artigo científico em ciências sociais. Sendo assim, as eventuais más condutas acadêmicas são a ponta do *iceberg* de uma complexa política de incentivo à produtividade em escala quase industrial (Rego, 2014). Esse efeito faz com que professores de pós-graduação exijam mais artigos dos alunos em cada disciplina, sendo que antes o comum era serem produzidos artigos oriundos de teses (Rosa, 2008), fazendo dessa exigência uma exploração que contribui para uma contabilização de coautoria com seus orientandos ou colegas em casos em que a colaboração é inexistente ou superficial (Rossoni, 2018). Ou seja, ainda que esse sistema mecanicista implique a positividade do aumento de produções científicas, essa necessidade quantitativa impacta a produção da ciência, cabendo também aos pesquisadores o comprometimento com a integridade, pois, “embora o produtivismo seja potencialmente prejudicial ao contexto acadêmico, é possível a perpetuação de pesquisadores comprometidos com a integridade, sobrepondo-se à razão da produção ‘mercantilista’ do saber” (Stigger et al., 2022, p. 6).

A respeito de ética de pesquisa, tempo e estratégias de produção, surgem também as repercussões do uso de inteligência artificial (IA) para produção de artigos científicos. Em sua análise, Peres (2024) notou que a ferramenta ChatGPT é capaz de gerar textos coesos e coerentes para um ambiente acadêmico, mesmo que possuam algumas inconsistências conceituais. Essas inconsistências ocorrem pelo fato de o algoritmo privilegiar vieses quantitativos nas suas formulações de respostas em detrimento de algo qualitativo. Assim, devido à pressão para publicação, pesquisadores passam a considerar o uso de ferramentas de IA, mesmo que comprometam a sua integridade. Essas inovações têm trazido discussões sobre a atual concepção de plágio: como o caso da grande editora Science, que passou a considerar o uso de IA como plágio caso o texto tenha sido gerado, integral ou parcialmente, por essas ferramentas, já que não é fruto de ideias, reflexões e opiniões dos autores (Peres, 2024). Cabe destacar que, em relação às condutas acadêmicas mencionadas nesses dois últimos parágrafos, a Política de Integridade na Atividade Científica do CNPq, instituída pela Portaria n. 2.664/2026, é um documento que estabelece diretrizes éticas e boas práticas para a comunidade científica. O documento enfatiza o combate a fraudes, plágio, autoplágio, fabricação de dados e à técnica de fragmentação injustificada de resultados para o aumento de produções (Portaria CNPq n. 2.664, 2026).

Nesse dilema de tempo e avaliação, o produtivismo também impacta a formação e o desafio de trabalhar com epistemologias qualitativas; como em casos de ciências da saúde, em que há um padrão cartesiano que resulta em preconceitos com outras perspectivas epistemológicas e que,

em função disso, pode acarretar desafios de conquistas de financiamentos e aprovações (Conceição et al., 2020). Esse dilema também produz efeitos no processo editorial que, por mais que procure manter uma posição neutra, apresenta um caráter de manutenção de *habitus* durante a revisão por pares, igualmente influenciada por visões de processos metodológicos. Nesse caso, “a institucionalização desse sistema consolidaria a ideia de concorrência por espaços restritos de prestígio e reconhecimento, bem como da necessidade do crivo externo de credibilidade” (Deslandes & Maksud, 2022, p. 2). Esse “crivo” é problematizado ao pensarmos em um contexto em que o próprio produtivismo acadêmico pode se definir ao ter de contar com a colaboração entre pares, já que é uma atividade colaborativa que não é pontuada como uma atividade-fim, como a publicação (Patrus et al., 2015). Portanto, além dos pesquisadores, revistas acadêmicas precisam entrar no jogo de ranqueamento da mesma maneira, ao se esforçarem para pontuar no sistema avaliativo (Deslandes & Maksud, 2022; Silva & Pires, 2014). Além disso, o processo editorial também possui dilemas de financiamento diante das práticas comerciais de poucas editoras com grande influência global, com padrões homogeneizados, pressionando a adequação de governos e bibliotecas universitárias, assim como também pressionam a circulação das pesquisas, dada a discussão do acesso aberto (Kuhlmann, 2015) – algo que não será foco de análise aqui, mas pode ser aprofundado em textos como o de Goulart e Flores (2017). Contudo é uma discussão que influencia fortemente as condutas acadêmicas, dada a importância das publicações de conhecimento para as progressões de carreira, algo que sofre impacto de diferentes agentes e seus variados interesses econômicos e políticos.

Nesse sentido, Zuin e Bianchetti (2015) abordam que, com o avanço da tecnologia, a suposta ideia de neutralidade do algoritmo da divulgação científica deve ser repensada, devido ao ranqueamento dos periódicos nos ambientes virtuais. Os autores trazem à tona a emergência de discutir a supremacia de grandes editoras e sua correlação com o índice de fator de impacto que seus artigos possuem, levando o pesquisador a determinadas consequências na carreira, desconsiderando outros tipos de impactos, e algo que deveria ser um índice passa a ser uma taxa de própria qualidade.

O ranqueamento das publicações e a supervalorização de revistas internacionais moldam a dinâmica editorial, já que muitos pesquisadores preferem publicar onde possuem maior pontuação (Severiano et al., 2021). Ao supervalorizar o estrangeiro, com as publicações internacionais, a Capes afirma uma posição que não é neutra, reforçando uma lógica do próprio colonialismo epistêmico (Magnin et al., 2020). E, com isso, produções “artesaniais” passam a ser avaliadas sob padrão de produção industrial (Café et al., 2017). Como proposta, Deslandes e Maksud (2022, p. 5) reforçam que “a agência autônoma dos editores é mencionada como necessária para alargar os horizontes das esferas de reprodução, permitindo figurar no cenário consagrado da publicação as perspectivas epistêmicas e teórico-metodológicas emergentes ou contra-hegemônicas”.

Vizeu et al. (2016) elucidam que esse dilema de produtividade na academia faz parte do DNA da ordem social e política de Estado burocrático da sociedade contemporânea, por conta de suas necessidades de métricas de resultados e avaliações quantitativas. Contudo deve haver mais discussões sobre as atividades de pesquisa, inclusive pelo fato de os órgãos de fomento serem geridos pelos próprios pesquisadores, a fim de reconhecer as raízes do capitalismo presentes na universidade e os dilemas éticos de seus critérios produtivistas de mensurar a prática acadêmica.

Além da questão do tempo de amadurecer as pesquisas, o que impacta as publicações, como discutido acima, essa corrida por publicações também influencia as funções docentes, como a própria orientação, que é uma das funções mais gratificantes para os professores; contudo essas

funções acabam, certas vezes, deixadas de lado, já que não pontuam tanto quanto uma publicação (Sguissardi & Silva, 2009). Nesse sentido, a corrida por publicações também produz efeitos na formação, desde a institucionalização da pós-graduação (avanço de políticas modernizadoras), que impactaram o tempo de conclusão dos cursos, tanto de mestrado quanto de doutorado. Na avaliação de 1998-2000, programas com maiores conceitos apresentavam tempo médio maior de conclusão dos discentes, algo que era visto pela Capes na época como um dilema, já que tais programas têm mais produções, bem como os programas com menor pontuação e produções têm menor tempo médio de conclusão de formação (Kuenzer & Moraes, 2009). Com as mudanças nos planos nacionais de pós-graduação (PNPG), as avaliações da Capes aos PPGs vincularam o tempo de titulação dos discentes com as avaliações dos programas, impactando as concessões de bolsas, por exemplo. Por isso, os programas buscam titular mestrandos em até 24 meses e doutorandos em 48 meses, algo que não era estipulado anteriormente. E isso afeta a formação e a produção de pesquisas, principalmente no mestrado, ao haver menos oportunidades de cursar certo número de disciplinas e menos tempo para o amadurecimento das pesquisas (Kuenzer & Moraes, 2009).

Severiano et al. (2021) demonstram que a exigência por produção pode variar de acordo com cada PPG. Um exemplo é a pressão por publicações, por meio de mecanismos como as concessões de bolsas mediante publicações em revistas A1, como ilustram Maurente et al. (2020). Essa prática muda completamente a experiência do aluno-pesquisador, uma vez que é pressionado a publicar em vez de ingressar na pós-graduação com o objetivo também de aprendizado. Nesse sentido, publicar também depende de diversos fatores, como estabelecer uma rede de relacionamento (Severiano et al., 2021), algo que é um dilema, já que esse é também um ambiente de competição por quem possui mais publicações e, conseqüentemente, melhores chances de conquistar espaços, buscando criar estratégias para publicar e assim permanecer na “luta” (Magnin et al., 2020).

O fato de os PPGs adotarem (ou não) determinadas políticas de pressão por produção também é um fator ético-político, pois é evidente que uma forte demanda por produção de professores/orientadores, por exemplo, fará com que alunos sejam utilizados como mão de obra, em uma espécie de cadeia de dependência hierárquica entre doutorandos, mestrandos e alunos de iniciação científica (Souza, 2019). Inclusive, esse efeito cascata também pode colaborar com a qualidade do ensino, já que as funções didáticas podem ser terceirizadas. Maia (2022) pondera que o peso recai sobre os graduandos, que são os potenciais acadêmicos e pesquisadores, seja pela relação professor-aluno – já comprometida pelos ajustes neoliberais através de um aumento da precarização da relação da docência devido ao aumento drástico da proporção docente vs discente –, seja por um sistema que negligencia a graduação. O graduando se sente sozinho em um ambiente que estimula o produtivismo como métrica para o sucesso, ao mesmo tempo que essa produção é pouco incentivada no âmbito da graduação.

Portanto o docente, que ingressa na instituição para assumir tal cargo, encontra o desafio de assumir mais tarefas além da própria docência. O intelectualismo acadêmico é institucionalizado ao priorizar tarefas que servem para o julgamento e reconhecimento (Souza, 2019). Essa desvalorização da docência em relação à supervalorização da pesquisa parece indicar um esvaziamento pedagógico que reflete na compreensão e percepção de sociedade e no papel da universidade (Vosgerau et al., 2017).

Em tempos de mudanças no mercado de trabalho, o ensino-aprendizagem também se torna crucial para dialogar sobre temas como papel social da universidade e consciência de classe, na contramão da tendência da formação voltada para as necessidades capitalistas (Santos & Sampaio,

2017). Se, nesse contexto, professores se adaptam a essa cultura, pode-se entender que isso reflete na reprodução de formações sociais dominantes (Vieira et al., 2021) até mesmo nas salas de aula. Sendo assim, é necessário fomentar a criatividade e a reflexão acadêmica com um exercício de pensamentos divergentes na sala de aula, em combate à normatividade da produtividade acadêmica (Souza, 2019). Em relação às avaliações dos PPGs, há pesquisadores que defendem o formato de avaliação individual por docentes em relação à produção, sendo apontado como algo mais justo e honesto. Esse formato pode ocasionar, de maneira silenciosa, uma menor colaboração efetiva entre pares, o que gera uma noção de concorrência interna (Magnin et al., 2020).

Conceituação e agenda de pesquisas sobre produtivismo acadêmico

Após as análises acima, com base no referencial encontrado acerca do produtivismo acadêmico, percebe-se que o conceito existe para elucidar diversos efeitos, dentre eles: na cultura e prática universitária, na formação discente e práticas docentes, no mercado editorial e nas publicações de pesquisas acadêmicas. Contudo esses dispositivos institucionais de avaliação e regulação causam também diversas reações subjetivas no campo, desde o adoecimento e evasão, até movimentos de resistências e lutas em favor da educação, com (ainda) poucas propostas de mudanças de funcionamento sistêmico.

Questionamo-nos, com os achados na literatura, quais são as pistas para aprofundar o tema, que, de diversas formas, já é muito debatido. Para auxiliar nesse caminho, trazemos a Tabela 1 (no Apêndice), com a codificação (C) e a categorização dos 30 artigos do *corpus* da revisão encontrados no SciELO, contextualizando-os de acordo com os temas mais frequentes e identificando as fontes interlocutoras dos estudos que mais colaboraram com as pesquisas.

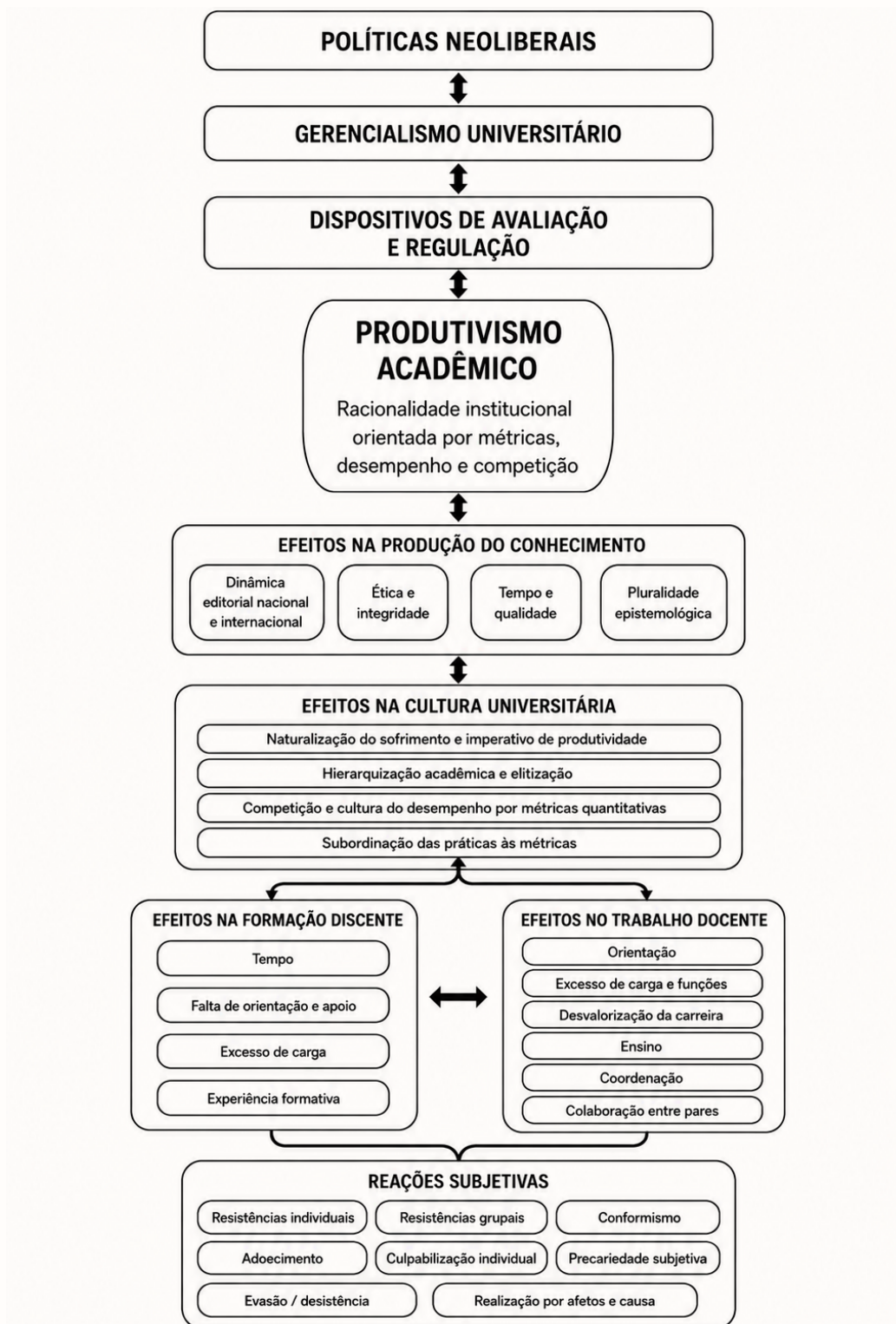
Dos temas (TM), foram classificadas 5 categorias: 8 artigos sobre ética, produção de conhecimento e financiamento em pesquisa (P); 8 artigos para discussão conceitual sobre o produtivismo (D); 7 artigos sobre trabalho docente-pesquisador/a (T); 4 artigos para formação na pós-graduação (F); e 3 artigos em processo editorial (E).

Quanto às fontes interlocutoras (FI) que compõem os estudos, dos 30 artigos, 11 se classificam como teórico-reflexivos (TR); 7 contam com docentes (DN); 5 são documentais (DM); 3 contam com discentes de pós-graduação (DI); 3 contam com discentes e docentes (DD); e, por último, 2 contam com editores de revistas (ER). Uma pesquisa contou com análise documental com acréscimo de entrevistas com docentes. Em relação aos formatos de entrevistas, apenas uma pesquisa foi realizada em formato de grupo, algo que poderia contribuir para o campo de forma mais integrada.

Além de identificar temas e interlocutores, elaboramos a Figura 2, que busca ilustrar esses efeitos e sistematizar achados sobre o fenômeno na literatura. Essa figura não objetiva encerrar os efeitos do produtivismo acadêmico ou restringir o tema acerca de algum sentido. Visa a ilustrar a sua complexidade em relação às ligações com diversos aspectos que constituem a vida acadêmica, para ampliar a conceituação do problema. Por esse motivo, a figura apresenta setas de dupla ligação que indicam relações de efeitos mútuos; relações essas que podem ter ligações externas não explicitadas aqui. Além disso, também caberiam na figura novos “blocos” de categorizações.

Figura 2

Mapa dos efeitos do produtivismo acadêmico



Fonte: Elaboração dos autores com apoio da ferramenta de inteligência artificial (ChatGPT, versão 5.6 Luna) para otimização da imagem.

Ao elucidar esses marcos, delimita-se a presença da lógica produtivista na universidade, mostrando assim que não é apenas uma discussão de avaliação quantitativa, ou até mesmo uma

discussão sobre pressão por produção, mas sim de um problema ferramenta de gestão institucional e dos dispositivos de avaliação.

Com essa elucidação, compreendemos que o produtivismo acadêmico é o resultado de uma cultura individualista/produtivista. Estudos que abordam esse tema ilustram o movimento neoliberal presente na universidade, operado por meio do gerencialismo. Um avanço da política neoliberal global, para o qual alertam diversos autores que se preocupam em saber como os ambientes de ensino estão sendo geridos para o mercado (Laval, 2019), esvazia e empobrece o papel social desses espaços. É esse avanço que permite a implementação de uma lógica de normalização da precariedade subjetiva na universidade, uma legitimação do modelo toyotista na carreira acadêmica (Bernardo, 2014). Algo que se agravou ainda mais com as implicações da pandemia e sua forma particular de afetar diferentes grupos sociais (consequências particulares de sofrimentos coletivos, devido às desigualdades) e também com os desgovernos recentes no Brasil (Romanini, 2021).

Ao consolidar esses estudos, também é possível pensar em ampliar o conceito que o termo “produtivismo acadêmico” traz à discussão. Antes da expressão ser difundida nas pesquisas, já existiam discussões que criticavam a agregação e mudanças nas práticas docentes nesse processo de mercantilização da educação e do conhecimento, como os estudos de Slaughter e Leslie (1997), com o livro *Academic capitalism: Politics, policies, and the entrepreneurial university*, que denominam o processo de capitalismo acadêmico nos Estados Unidos da América. No Brasil, outros textos também apontam esse modelo de trabalho universitário, de linha de produção e aderência ao modelo gerencialista, como toyotismo/taylorismo/fordismo acadêmico (Domingues, 2014; Bernardo, 2014; Costa & Goulart, 2018) ou até mesmo novo neoliberalismo acadêmico (Costa & Silva, 2018), o qual discute o caráter das reformas universitárias diante do avanço neoliberal no país.

Considerando a interessante análise do novo neoliberalismo acadêmico no cenário brasileiro (Costa & Silva, 2019), compreendemos que o produtivismo acadêmico seria um efeito do modo como a universidade é governada em seu modelo gerencial, articulando a operacionalização da lógica do empreendedorismo nas relações universitárias. Além disso, esse projeto neoliberal também contempla a desresponsabilização do Estado pelas universidades públicas, em favor do investimento em ensino superior destinado às organizações privadas; movimento que não ocorre apenas do cenário brasileiro.

Contudo é o termo produtivismo acadêmico que ganha mais relevância na usabilidade que trata de tais questões. De fato, esse gerencialismo global da universidade vem modificando e precarizando o trabalho do docente e da pesquisa. Mas é necessário ter cautela no conceito de produtivismo acadêmico, para que o fenômeno não seja reduzido e despolitizado.

Entendemos que não se trata apenas de um “publicacionismo”, distinguindo entre a dimensão política da avaliação e as atitudes dos avaliados, como propõe Kuhlmann (2015), algo que Vilaça e Palma (2015, p. 809) também já criticaram, pois, com base nos estudiosos do tema, consideram que uma das “causas fundamentais do fenômeno contemporâneo do produtivismo é o modelo de avaliação praticado pela Capes”. Sguissardi (2010, p. 1), em sua definição, considera que o fenômeno é derivado do processo de regulação e controle de avaliação, e complementa afirmando que “se caracteriza pela excessiva valorização da quantidade da produção científico-acadêmica, tendendo a desconsiderar a sua qualidade”.

Muitos textos atribuem ao produtivismo acadêmico a redução da qualidade das publicações. Mas, ao realizar uma análise epistemológica, poucos argumentos apresentam motivos que sustentem tal diminuição da qualidade, pois o produtivismo acadêmico também impacta uma escolha epistêmica, principalmente quando se trata de pesquisas qualitativas. Logo, essa percepção

de baixa qualidade não pode estar relacionada: (1) à disputa de lugares, vinculada à cultura neoliberal presente na universidade, à disputa de vagas e oportunidades? (2) a novos assuntos/vozes, principalmente periféricos e/ou de cunho social, que antes das ações afirmativas não eram vistos na academia?

Silva (2019, p. 341, grifo nosso) propõe uma ampliação do conceito, considerando o fenômeno como multinível (governamental, institucional e individual):

. . . propõe-se uma definição de produtivismo acadêmico como um ato performativo que institucionaliza um conjunto de ações e comportamentos, caracteriza uma forma de representação social de uma área do conhecimento, delimita um sistema de crenças e valores orientados para uma *cultura performativa* incorporada socialmente na ação e afeta as condições de trabalho, a saúde, o bem-estar e a carreira de professores que integram a comunidade da área.

Silva (2019, p. 350) ainda contribui ao dizer que:

O produtivismo acadêmico multinível é muito mais do que o jargão “*publish or perish*”. É um ato performativo que institucionaliza um conjunto de ações e comportamentos, caracteriza uma forma de representação social de uma área do conhecimento, delimita um sistema de crenças e valores orientados para uma cultura performativa incorporada socialmente na ação de agentes públicos, privados e PPGs e afeta as condições de trabalho, a saúde, o bem-estar e a carreira de professores que integram a comunidade da área. Temos que encontrar caminhos alternativos para “desnaturalizar” essa lógica performativa, criar um espaço de reflexão para definir estratégias para compatibilizar o desempenho acadêmico, boas condições e relações de trabalho, ações para preservar a qualidade de vida e a saúde de professores e alunos para tornar a pós-graduação um espaço social mediado por experiências prazerosas para educar e formar professores e pesquisadores na busca de uma sociedade melhor para todos.

Nesse caminho, consideramos as contribuições de que o produtivismo é uma política de gestão (Rego, 2014), normalizada por um modelo gerencialista, cuja pressão institucional estabelece uma normalidade de pontuação quantificável (Rosa, 2008) e injusta. Sendo esses os aspectos tayloristas que transformam a produção e avaliação na universidade (Domingues, 2014), fundamentais para a mercantilização do ensino e disciplinarização de seus agentes (Leite, 2017).

Portanto o produtivismo acadêmico pode ser compreendido como uma racionalidade institucional de gestão da vida universitária que converte a produção intelectual em desempenho mensurável, hierarquiza sujeitos e programas por métricas de produtividade e subordina atividades formativas, pedagógicas, colaborativas e ético-políticas à lógica da competição acadêmica. O produtivismo coloniza o tempo da pesquisa e os modos diversos de produzir conhecimento, forjando sujeitos que devem performar o desempenho para o sucesso das suas trajetórias acadêmicas. Não ser produtivo, nesse sentido, significa fracassar. Por isso, o produtivismo acadêmico contribui para o processo de individualização do fracasso e, por efeito, de sofrimento psíquico nas universidades.

Essa racionalidade institucional é de cunho político e neoliberal, operacionalizada por uma política de gestão (com mecanismos de controle e avaliação), ocasionada por reformas governamentais que institucionalizam a universidade para uma cultura performativa. Com isso, na busca de regular e mensurar a produção acadêmica, contabiliza, de forma injusta, as produções e atividades de discentes e docentes, ocasionando uma precariedade subjetiva normalizada que possui efeitos adoecedores e distorcivos na formação discente e práticas docentes, em nível de graduação e

pós-graduação. Além disso, essas distorções têm efeitos no processo ético de colaboração entre pares, orientação e produção e publicação de conhecimento científico.

Com esse conceito, espera-se contribuir, não como um substituto, mas como um conceito complementar, para ampliar e fomentar a discussão do termo e tema. Serve para demonstrar que esse fenômeno é moldado para funcionar na burocratização, com todos os mecanismos de produção criados para gerir um trabalho industrial de manufatura, porém aplicado ao trabalho intelectual (Bernardo, 2014), algo que influencia até mesmo o aspecto ético e o viés das buscas por descobertas (Domingues, 2014).

Considerações finais

Este estudo teve o objetivo de aprofundar o debate sobre produtivismo acadêmico, sintetizando as principais ideias que abrangem suas discussões. Com este mapeamento, apresentamos como os dilemas que compõem a produtividade se originam das reformas governamentais e universitárias, ao gerir e avaliar o ensino superior brasileiro. Também apresentamos como as pesquisas abordam os principais efeitos do produtivismo na vida acadêmica, elucidando diversas reações no cotidiano, como a relação com o sofrimento psíquico. Tais reações colocam em xeque o futuro da universidade pública e democrática.

Consideramos a importância do aprofundamento da base conceitual de produtivismo acadêmico realizada, para que a problemática não seja tratada de forma inequívoca, incompleta e subestimada. Conclui-se que a problemática deve ser trabalhada contra uma discussão que a aborda como uma legitimação instrumental ou contábil, pois essa avaliação quantitativa atual reflete diretamente na dimensão social e política das relações da prática universitária. Ou seja, no acesso, evasão e saúde mental na universidade.

Ante a mercantilização do ensino, que constitui essa nova forma de ser do docente-pesquisador/a (controlado/a por e desejante de financiamentos e oportunidades), percebe-se a intensificação do trabalho a ponto de transformar o que eram sonhos em pesadelos, sem separação de tempo para vida pessoal, profissional e/ou acadêmica. Assim, fragmentam-se o trabalho, a formação e a busca por conhecimento, ao criar um ambiente moldado para competição sem limites, distanciando-se do seu papel social. Essa cultura, do jogo universitário competitivo, é tão onipresente e normalizada, que poucos artigos conseguem abordar pistas para mudanças e melhorias em seu ambiente. Os primeiros estudos, pioneiros em abordar tais tabus, são importantes para reconhecer que os reflexos das reformas universitárias e a existência em seu modelo de avaliação, os conflitos de interesses e pessoalidades nas escolhas administrativas causaram severas mudanças do trabalho intelectual e da ética na produção e publicação de pesquisas.

Posteriormente, percebe-se que há um maior foco na mensuração do sofrimento alarmante e crescente entre estudantes e docentes. Portanto é um avanço o assunto estar sendo discutido, para haver bases de mudanças institucionais. Nessa linha, acredita-se que é esta a maior contribuição deste trabalho: servir de base para que, em meio a mudanças recentes na PNPG e avaliação Capes, consiga-se mensurar e analisar o fenômeno de forma completa e sistêmica em sua problematização.

Como limitações do estudo, elucidamos a busca da revisão ter sido apenas na base SciELO, o que restringiu as pesquisas. A estratégia de complementar esse *corpus* de revisão com a base do Portal de Periódicos da Capes é frágil, pois não houve sistematização e categorização no processo, algo que necessitaria de muito tempo hábil para abranger outros títulos que pareciam interessantes para compor o estudo. Por essa falta de sistematização, o mapeamento realizado não permite com-

provar eventuais causalidades entre o produtivismo e seus efeitos, apenas apresentar as devidas relações e evidências encontradas na literatura.

Contudo consideramos que o estudo respondeu a seu propósito e é um trabalho que não visa a encerrar o assunto, mas a colaborar com as discussões e possíveis fomentos a mudanças. Nesse sentido, percebe-se que faltam produções de movimentos coletivos que discuta o tema em conjunto, já que muitos estudos abordaram que foi difícil até mesmo a adesão de participantes nas pesquisas para falar sobre o assunto.

Por fim, apostamos que, mesmo entre essa cultura precarizada, há muitas ações e histórias para serem contadas na universidade, estando dentro dela o próprio combustível de mudança do cenário atual, fazendo-nos esperar ao mitigar ou reduzir os efeitos do dilema produtivista da universidade, tornando esse espaço mais acessível e saudável.

Referências

- Abreu, E. K. das N., Marcon, S. R., Martínez Espinosa, M., Kogien, M., Valim, M. D., & Nascimento, F. C. dos S. (2021). Fatores associados ao risco de suicídio em estudantes de pós-graduação *stricto sensu*: Estudo transversal. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, 29, Artigo e3460. <https://doi.org/10.1590/1518-8345.4590.3460>
- Bernardo, M. H. (2014). Produtivismo e precariedade subjetiva na universidade pública: O desgaste mental dos docentes. *Psicologia & Sociedade*, 26(especial), 129-139. <https://doi.org/10.1590/S0102-71822014000500014>
- Bianchetti, L. (2009). Os dilemas do coordenador de programa de pós-graduação: Entre o burocrático-administrativo e o acadêmico-pedagógico. In L. Bianchetti & V. Sguissardi (Orgs.), *Dilemas da pós-graduação em educação: Gestão e avaliação* (pp. 15-99). Autores Associados.
- Bianchetti, L., & Sguissardi, V. (Orgs.). (2009). *Dilemas da pós-graduação: Gestão e avaliação*. Autores Associados.
- Bianchetti, L., & Sguissardi, V. (2017). *Da universidade à commoditycidade: Ou de como e quando, se a educação/formação é sacrificada no altar do mercado, o futuro da universidade se situaria em algum lugar do passado*. Mercado de Letras.
- Bianchetti, L., & Valle, I. R. (2014). Produtivismo acadêmico e decorrências às condições de vida/trabalho de pesquisadores brasileiros e europeus. *Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação*, 22(82), 89-110. <https://doi.org/10.1590/S0104-40362014000100005>
- Café, A. L. da P., Ribeiro, N. M., & Ponczek, R. L. (2017). A fabricação dos corpos dóceis na pós-graduação brasileira: Em cena o produtivismo acadêmico. *Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação*, 22(49), 75-88. <https://doi.org/10.5007/1518-2924.2017v22n49p75>
- Carvalho, E. S. de, & Real, G. C. M. (2021). A produção intelectual sobre Qualis Periódicos na área de Educação: Um diálogo com as pesquisas acadêmicas (2008-2018). *Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação*, 29(112), 595-617. <https://doi.org/10.1590/s0104-40362021002902397>
- Chauí, M. (2001). *Escritos sobre a universidade*. Editora Unesp.
- Conceição, M. I. G., Gestaldo, D., Fraga, A. B., Bosi, M. L. M., Magalhães, L., Andrade, J. T. de, & Lago, R. R. (2020). Educando pesquisadores qualitativos em saúde no Brasil: Perspectivas discentes e docentes. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*, 30(4), Artigo e300412. <https://doi.org/10.1590/S0103-73312020300412>
- Costa, C. F. da, & Goulart, S. (2018). Capitalismo acadêmico e reformas neoliberais no ensino superior brasileiro. *Cadernos EBAPE.BR*, 16(3), 396-409. <https://doi.org/10.1590/1679-395165788>

- Costa, C. F. da, & Silva, S. M. G. (2019). Novo neoliberalismo acadêmico e o ensino superior no Brasil. *REAd: Revista Eletrônica de Administração*, 25(3), 6-35. <https://doi.org/10.1590/1413-2311.251.89569>
- Dardot, P., & Laval, C. (2016). *A nova razão do mundo: Ensaio sobre a sociedade neoliberal* (M. Echalar, Trad.). Boitempo.
- Deslandes, S., & Maksud, I. (2022). Editores de ciências sociais na saúde coletiva: Práticas e limites na conformação de um *habitus* científico. *Cadernos de Saúde Pública*, 38(9), Artigo e00076922. <https://doi.org/10.1590/0102-311xpt076922>
- Domingues, I. (2014). O sistema de comunicação da ciência e o taylorismo acadêmico: Questionamentos e alternativas. *Estudos Avançados*, 28(82), 225-250. <https://doi.org/10.1590/S0103-40142014000300014>
- Fernandes, E. F., Pacheco, A. S. V., Silva, F. C. da, & Cabral, T. L. de O. (2021). Evasão discente na pós-graduação: Uma análise a partir do Geocapes. *Brazilian Journal of Development*, 7(12), 112313-112332. <https://doi.org/10.34117/bjdv7n12-154>
- Goulart, S., & Flores, R. K. (2017). Os dilemas do acesso aberto. *Revista Pensamento Contemporâneo em Administração*, 11(2), 18-31. <https://periodicos.uff.br/pca/article/view/11300>
- Guattari, F., & Rolnik, S. (1996). *Micropolítica: Cartografias do desejo* (4ª ed.). Vozes.
- Hoffmann, C., Marchi, J., Comoretto, E., & Moura, G. L. de. (2018). Relações entre autoconceito profissional e produtivismo na pós-graduação. *Psicologia & Sociedade*, 30, Artigo e167961. <https://doi.org/10.1590/1807-0310/2018v30167961>
- Kuenzer, A. Z., & Moraes, M. C. M. de. (2009). Temas e tramas na pós-graduação em educação. In L. Bianchetti & V. Sguissardi (Orgs.), *Dilemas da pós-graduação: Gestão e avaliação* (pp. 177-206). Autores Associados.
- Kuhlmann, M., Jr. (2015). Produtivismo acadêmico, publicação em periódicos e qualidade das pesquisas. *Cadernos de Pesquisa*, 45(158), 838-855. <https://doi.org/10.1590/198053143597>
- Laval, C. (2019). *A escola não é uma empresa: O neoliberalismo em ataque ao ensino público* (M. Echalar, Trad.). Boitempo.
- Leite, J. L. (2017). Publicar ou perecer: A esfinge do produtivismo acadêmico. *Revista Katálisis*, 20(2), 207-215. <https://doi.org/10.1590/1982-02592017v20n2p207>
- Magnin, L. S. de L. T., Faria, J. H. de, Penteadó, R. C., & Takahashi, A. R. W. (2020). Produtivismo na pós-graduação em administração: Posicionamentos dos pesquisadores brasileiros, estratégias de produção e desafios enfrentados. *REAd: Revista Eletrônica de Administração*, 26(2), 265-299. <https://doi.org/10.1590/1413-2311.284.95633>
- Maia, H. (2022). *Neoliberalismo e sofrimento psíquico: O mal-estar nas universidades*. Ruptura.
- Mancebo, D. (2013). Trabalho docente e produção de conhecimento. *Psicologia & Sociedade*, 25(3), 519-526. <https://doi.org/10.1590/S0102-71822013000300006>
- Maurente, V. S. (2019). Neoliberalismo, ética e produtividade acadêmica: Subjetivação e resistência em programas de pós-graduação brasileiros. *Interface: Comunicação, Saúde, Educação*, 23, Artigo e180734. <https://doi.org/10.1590/interface.180734>
- Maurente, V. S., Baum, C., & Kroeffer, R. (2020). Política cognitiva produtivista: Desenvolvimento e hierarquia de habilidades na pós-graduação. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 40, Artigo e215231. <https://doi.org/10.1590/1982-3703003215231>
- Mendes, M. T. (2018). O mito do mérito: Ensaio sobre meritocracia e qualidade da educação. *Perspectiva*, 36(4), 1302-1320. <https://doi.org/10.5007/2175-795X.2018v36n4p1302>
- Parecer n. 977, de 3 de dezembro de 1965*. (1965). Definição dos cursos de pós-graduação. Câmara de Ensino Superior (CESu). <https://cad.capes.gov.br/ato-administrativo-detallar?idAtoAdmElastic=314>

- Patrus, R., Dantas, D. C., & Shigaki, H. B. (2015). O produtivismo acadêmico e seus impactos na pós-graduação *stricto sensu*: Uma ameaça à solidariedade entre pares? *Cadernos EBAPE.BR*, 13(1), artigo e1. <https://doi.org/10.1590/1679-39518866>
- Peres, F. (2024). A literacia em saúde no ChatGPT: Explorando o potencial de uso de inteligência artificial para a elaboração de textos acadêmicos. *Ciência & Saúde Coletiva*, 29(1), Artigo e02412023. <https://doi.org/10.1590/1413-81232024291.02412023>
- Ponczek, R. L. (2013). *Os crocodilos guardiões e a biblioteca da Babilônia: Manhas, artimanhas e imposturas acadêmicas*. CRV.
- Portaria CNPq n. 2.664, de 6 de março de 2026. (2026). Institui a política de integridade na atividade científica do CNPq. *Diário Oficial da União*, (47), Seção 1, p. 4, Brasília, DF. <https://www.in.gov.br/web/dou/-/portaria-cnpq-n-2.664-de-6-de-marco-de-2026-691779232>
- Rego, T. C. (2014). Produtivismo, pesquisa e comunicação científica: Entre o veneno e o remédio. *Educação e Pesquisa*, 40(2), 325-346. <https://doi.org/10.1590/S1517-97022014061843>
- Romanini, M. (2021). As máscaras e a precariedade subjetiva: Efeitos da pandemia na vida de estudantes universitários. *Revista de Psicologia da Unesp*, 20(1), 49-78. <https://doi.org/10.5935/1984-9044.20210003>
- Rosa, A. R. (2008). “Nós e os índices”: Um outro olhar sobre a pressão institucional por publicação. *Revista de Administração de Empresas*, 48(4), 108-114. <https://doi.org/10.1590/S0034-75902008000400010>
- Rossoni, L. (2018). Editorial: Produtivismo e coautoria cerimonial. *Revista Eletrônica de Ciência Administrativa*, 17(2). <https://doi.org/10.21529/RECADM.2018ed2>
- Santos, L. R. C. S., & Sampaio, R. J. (2017). Crise social das instituições de ensino superior e a formação em saúde para o mercado. *Saúde em Debate*, 41(especial 3), 277-287. <https://doi.org/10.1590/0103-11042017S321>
- Severiano, E., Jr., Cunha, D. de O., Zouain, D. M., & Gonçalves, C. P. (2021). Produtivismo acadêmico e suas consequências para a produção científica na área de administração. *REAd: Revista Eletrônica de Administração*, 27(2), 343-374. <https://doi.org/10.1590/1413-2311.317.103796>
- Sguissardi, V. (2010). Produtivismo acadêmico. In D. A. Oliveira, A. M. C. Duarte, & L. M. F. Vieira (Orgs.), *Dicionário de trabalho, profissão e condição docente* (pp. 1-4). FaE; Editora UFMG.
- Sguissardi, V., & Silva, J. dos R., Jr. (2009). *Trabalho intensificado nas federais: Pós-graduação e produtivismo acadêmico*. Xamã. <https://vsguissardi.com.br/livro/trabalho-intensificado-nas-federais-pos-graduacao-e-produtivismo-academico/>
- Silva, A. B. da. (2019). Produtivismo acadêmico multinível: Mercadoria performativa na pós-graduação em administração. *Revista de Administração de Empresas*, 59(5), 341-352. <https://doi.org/10.1590/S0034-759020190504>
- Silva, M. R. da, & Pires, G. de L. (2014). Motrivivência, 25: Registros de uma trajetória, perspectivas de continuidade. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, 36(4), 780-789. <https://doi.org/10.1016/j.rbce.2014.11.012>
- Slaughter, S., & Leslie, L. L. (1997). *Academic capitalism: Politics, policies, and the entrepreneurial university*. Johns Hopkins University Press.
- Souza, R. S. de. (2019). Normose acadêmica: Como superar a ‘doença da normalidade’ na Universidade. *Avaliação: Revista da Avaliação da Educação Superior (Campinas)*, 24(2), 451-474. <https://doi.org/10.1590/S1414-40772019000200007>
- Stigger, D. A. da S., Barlem, J. G. T., Stigger, K. N., Cogo, S. B., Piexak, D. R., & Rocha, L. P. (2022). Concepções dos estudantes de pós-graduação em enfermagem sobre integridade científica e ética na pesquisa. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 75(3), Artigo e20210060. <https://doi.org/10.1590/0034-7167-2021-0060>

- Teixeira, T. da S. C., Marqueze, E. C., & Moreno, C. R. de C. (2020). Produtivismo acadêmico: Quando a demanda supera o tempo de trabalho. *Revista de Saúde Pública*, 54(117).
<https://doi.org/10.11606/s1518-8787.2020054002288>
- Vieira, J. de A., Castaman, A. S., & Junges, M. L., Jr. (2021). Produtivismo acadêmico: Representação da universidade como espaço de reprodução social. *Avaliação: Revista da Avaliação da Educação Superior (Campinas)*, 26(1), 253-269. <https://doi.org/10.1590/S1414-40772021000100014>
- Vieira, M. H. P., Fontes, A. R. M., Gemma, S. F. B., & Montedo, U. B. (2020). Produtivismo na pós-graduação na perspectiva da ergonomia da atividade. *Educação e Pesquisa*, 46, Artigo e220223.
<https://doi.org/10.1590/S1678-4634202046220223>
- Vilaça, M. M., & Palma, A. (2013). Diálogo sobre cientometria, mal-estar na academia e a polêmica do produtivismo. *Revista Brasileira de Educação*, 18(53), 467-484. <https://doi.org/10.1590/S1413-24782013000200013>
- Vilaça, M. M., & Palma, A. (2015). Comentários sobre avaliação, pressão por publicação, produtivismo acadêmico e ética científica. *Cadernos de Pesquisa*, 45(158), 794-816.
<https://doi.org/10.1590/198053142836>
- Vizeu, F., Macadar, M. A., & Graeml, A. R. (2016). Produtivismo acadêmico baseado em uma perspectiva habermasiana. *Cadernos EBAPE.BR*, 14(4), Artigo e8. <https://doi.org/10.1590/1679-395137603>
- Vosgerau, D. S. R., Orlando, E. de A., & Meyer, P. (2017). Produtivismo acadêmico e suas repercussões no desenvolvimento profissional de professores universitários. *Educação & Sociedade*, 38(138), 231-247. <https://doi.org/10.1590/ES0101-73302016163514>
- Wottrich, L., & Oliveira-Cruz, M. F. de. (2024). Desdobráveis: O olhar das pesquisadoras sobre as dinâmicas desiguais de gênero no subcampo científico da Comunicação no Brasil. *Cadernos Pagu*, (70), Artigo e247008. <https://doi.org/10.1590/18094449202400700008>
- Zuin, A. A. S., & Bianchetti, L. (2015). O produtivismo na era do “publique, apareça ou pereça”: Um equilíbrio difícil e necessário. *Cadernos de Pesquisa*, 45(158), 726-750.
<https://doi.org/10.1590/198053143294>

Nota sobre autoria

Gustavo Candido da Silva – conceitualização; curadoria e análise de dados; pesquisa; metodologia; visualização; redação do manuscrito original, revisão e aprovação da versão final do trabalho.

Moises Romanini – conceitualização; curadoria, análise e validação de dados; metodologia; supervisão; redação do manuscrito original, revisão e aprovação da versão final do trabalho.

Disponibilidade de dados

Os dados subjacentes à pesquisa estão informados no artigo.

Editores responsáveis

-  Rodnei Pereira
-  Adelina Novaes
-  Albertina de Oliveira Costa
-  Lúcia Villas Bôas
-  Patrícia C. Albieri de Almeida
-  Thais Gava

Apêndice

Na Tabela 1, são apresentados os artigos encontrados na busca pelo SciELO. De 1 a 23, estão os artigos da primeira busca, em 21 de outubro de 2023; de A a J estão os artigos encontrados em 19 de dezembro de 2023; de K a M estão os últimos 3 artigos da atualização da busca, em 21 de julho de 2024. Os descritores estão disponíveis na Figura 1.

Os 6 manuscritos que não foram incluídos no *corpus* de análise são o 13, 16, 22, 23, J e K, já que não colaboraram diretamente com a pergunta norteadora, e, por isso, a sigla NC (não colabora).

Tabela 1

Lista e classificação dos artigos encontrados na busca pelo SciELO

C	Título	Ano	TM	FI
1	Concepções dos estudantes de pós-graduação em enfermagem sobre integridade científica e ética na pesquisa	2022	P	DI
2	Editores de ciências sociais na saúde coletiva: Práticas e limites na conformação de um <i>habitus</i> científico	2022	E	ER
3	A produção intelectual sobre Qualis Periódicos na área de educação: Um diálogo com as pesquisas acadêmicas (2008-2018)	2021	P	DM
4	Produtivismo acadêmico e suas consequências para a produção científica na área de administração	2021	P	DN/DM
5	Produtivismo na pós-graduação em administração: Posicionamentos dos pesquisadores brasileiros, estratégias de produção e desafios enfrentados	2020	P	DN
6	Educando pesquisadores qualitativos em saúde no Brasil: Perspectivas discentes e docentes	2020	F	DD
7	Produtivismo acadêmico: Quando a demanda de trabalho excede o tempo de trabalho	2020	T	DN
8	Política cognitiva produtivista: Desenvolvimento e hierarquia de habilidades na pós-graduação	2020	F	DI
9	Produtivismo na pós-graduação na perspectiva da ergonomia da atividade	2020	T	DN
10	Produtivismo acadêmico multinível: Mercadoria performativa na pós-graduação em administração	2019	D	TR
11	Neoliberalismo, ética e produtividade acadêmica: Subjetivação e resistência em programas de pós-graduação brasileiros	2019	F	DI
12	Relações entre autoconceito profissional e produtivismo na pós-graduação	2018	T	DN
13	Os grupos temáticos de pesquisa da ABEPSS sobre a relação entre pós-graduação e graduação	2017	NC	NC
14	Comentários sobre avaliação, pressão por publicação, produtivismo acadêmico e ética científica	2015	D	DM
15	Produtivismo acadêmico, publicação em periódicos e qualidade das pesquisas	2015	E	ER
16	A pós-graduação em história: Tendências e perspectivas da área	2015	NC	NC
17	O produtivismo acadêmico e seus impactos na pós-graduação <i>stricto sensu</i> : Uma ameaça à solidariedade entre pares?	2015	P	TR
18	Motrivência, 25: Registros de uma trajetória, perspectivas de continuidade	2014	E	TR
19	Produtivismo, pesquisa e comunicação científica: Entre o veneno e o remédio	2014	D	TR
20	Produtivismo acadêmico e decorrências às condições de vida/trabalho de pesquisadores brasileiros e europeus	2014	D	DD
21	Trabalho docente e produção de conhecimento	2013	T	TR

(Continua)

(Continuação)

C	Título	Ano	TM	FI
22	A pesquisa em educação no Brasil	2010	N	NC
23	Efeitos colaterais do produtivismo acadêmico na pós-graduação	2009	N	NC
A	Produtivismo acadêmico: Representação da universidade como espaço de reprodução social	2021	D	TR
B	Normose acadêmica: Como superar a 'doença da normalidade' na Universidade	2019	D	TR
C	Crise social das instituições de ensino superior e a formação em saúde para o mercado	2017	F	DD
D	Publicar ou perecer: A esfinge do produtivismo acadêmico	2017	T	TR
E	Produtivismo acadêmico e suas repercussões no desenvolvimento profissional de professores universitários	2017	D	DM
F	Produtivismo acadêmico baseado em uma perspectiva habermasiana	2016	P	TR
G	O produtivismo na era do "publique, apareça ou pereça": Um equilíbrio difícil e necessário	2015	P	TR
H	O sistema de comunicação da ciência e o taylorismo acadêmico: Questionamentos e alternativas	2014	D	TR
I	Produtivismo e precariedade subjetiva na universidade pública: O desgaste mental dos docentes	2014	T	DN
J	(Des)fetichização do produtivismo acadêmico: Desafios para o trabalhador-pesquisador	2011	N	NC
K	Análise da produção científica e fomento dos bolsistas de produtividade do CNPq em educação física no período de 2010-2020	2023	N	NC
L	Desdobráveis: O olhar das pesquisadoras sobre as dinâmicas desiguais de gênero no subcampo científico da Comunicação no Brasil	2024	T	DN
M	A literacia em saúde no ChatGPT: Explorando o potencial de uso de inteligência artificial para a elaboração de textos acadêmicos	2024	P	DM

Fonte: Elaboração dos autores.